

MARISQUEIRA:

Uma reflexão sobre criação lexical à luz das relações de gênero

Cryсна Bomjardim da Silva Carmo (UNEB)⁷⁸

Élica Mota Rodrigues (UNEB)⁷⁹

RESUMO

Este estudo objetiva apresentar uma reflexão acerca dos sentidos da palavra marisqueira em oposição ao seu correspondente masculino – marisqueiro. Teoricamente, o estudo fundamenta-se na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, na discussão de gênero gramatical e nos estudos da Teoria de Gênero – conceito estruturante das relações sociais, sustentado na diferença biológica entre os sexos na sociedade. Os dados do estudo são oriundos da internet (imagens do Google) e de uma entrevista com uma trabalhadora do ramo. Sendo assim, metodologicamente, guia-se pela Linguística de Corpus, Sociolinguística e pela *Language Into Act Theory*, uma vez que os dados que incrementam o corpus são oriundos da fala espontânea. Os resultados demonstram que tanto o conceito de classe quanto a de gênero influenciam a formação da palavra marisqueira, nos termos da assimetria que ambos os conceitos engendram.

Palavras-chave:

Marisqueira. Modelos Cognitivos Idealizados. Gênero gramatical.
Relações de gênero.

ABSTRACT

This study aims to present a reflection on the meanings of the word marisqueira in opposition to its male counterpart - marisqueiro. Theoretically, the study is based on the Theory of Idealized Cognitive Models, on the discussion of grammatical gender and on the studies of Gender Theory - structuring concept of social relations, based on the biological difference between the sexes in society. The data of the study come from internet (images from Google) and an interview with a worker in the industry. Therefore, methodologically, it is guided by Corpus Linguistics, Sociolinguistics and Language Into Act Theory, since the data that increase the corpus come from spontaneous speech. The results demonstrate that both the concept of class and that of

⁷⁸ Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – Campus X da UNEB, recentemente aprovado. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. e Linguagens [GEICEL]. E-mail: crysnabonjardimsc@gmail.com

⁷⁹ Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: elicamota@gmail.com.

gender influence the formation of the word seafood, in terms of the asymmetry that both concepts engender.

Keywords:

Marisqueira. Idealized Cognitive Models. Grammatical gender.
Gender relations.

1 Introdução

Se fizermos uma pesquisa sobre o termo *marisqueira* no *Google*, chegaremos a resultados no mínimo inusitados. Na aba *Todos*, a primeira informação que encontramos diz respeito a endereços de restaurantes de frutos do mar. Em seguida, temos o significado do termo fornecido pelo dicionário *Oxford Language*, cuja definição vem do português europeu: “vendedora de frutos do mar” e “restaurante de frutos do mar”. Já na aba *Imagens*, vemos uma profusão de pratos com mariscos, restaurantes de mariscos e, por fim, algumas imagens de mulheres catando mariscos. Por outro lado, se buscarmos pelo seu correspondente masculino, *marisqueiro*, executando os mesmos procedimentos, a primeira informação que encontramos é o significado do termo, fornecido pelo mesmo dicionário *Oxford*: “que ou o que marisca ou gosta de mariscos” e “vendedor de mariscos”. Já na aba *Imagens*, todos os quadros que aparecem são de homens catando mariscos. Diante disso, este estudo objetiva apresentar uma reflexão acerca dos sentidos da palavra *marisqueira* em oposição ao seu correspondente masculino – *marisqueiro*. Teoricamente, o estudo fundamenta-se na Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, na discussão de gênero gramatical e nos estudos da Teoria de Gênero – conceito estruturante das relações sociais, sustentado na diferença biológica entre os sexos na sociedade. Os dados do estudo são oriundos da *internet* (imagens do *Google*) e de uma entrevista com uma trabalhadora do ramo. Nesse contexto, as nossas guias metodológicas advêm da Linguística de *Corpus*, da Sociolinguística e da *Language Into Act Theory*, uma vez que os dados que incrementam o *corpus* são oriundos da fala espontânea.

2 Orientação teórica

Nesta seção, apresentamos os princípios teóricos que orientam este estudo, quais sejam: a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, a discussão de gênero gramatical e os estudos sobre Teoria de Gênero. Tais princípios sustentam seu objetivo, ou seja, a reflexão acerca dos sentidos da palavra marisqueira em oposição ao seu correspondente masculino – marisqueiro.

2.1 Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados

Antes de tratarmos da noção de *modelos cognitivos idealizados* (MCIs), precisamos fazer duas considerações. A primeira diz respeito à Linguística Cognitiva, vertente teórica na qual os MCIs estão alocados, já a segunda envolve a ideia de *Gestalt*.

A Linguística Cognitiva (LC) parte da crença de que o conhecimento linguístico abrange tanto o conhecimento da língua quanto o conhecimento do mundo mediado por essa língua. Nesse contexto, a LC compreende “o estudo da língua em sua função cognitiva, no qual cognitiva se refere ao papel crucial das estruturas informacionais intermediárias em nossos encontros com o mundo” (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 3). Em outras palavras, se a língua é compreendida como uma capacidade cognitiva, nos termos de um modo que constitui a estrutura informacional da mente, a interação dos sujeitos com o mundo é mediada também por ela, assim como é com os outros sistemas, a exemplo do sensorio-motor: sentimos a temperatura partir do tato, percebemos as cores a partir da visão. Ou seja, a informação advinda do mundo, para ser processada pela mente, parte de um primeiro contato com a pele e com os olhos, por exemplo. Dentro desse quadro, cabe à língua organizar o mundo, processar e transmitir as informações do mundo. Dessa forma, podemos caracterizar a língua como um repositório de conhecimento do mundo, uma coleção estruturada de categorias significativas que nos ajudam a lidar com novas experiências e armazenar informações sobre as antigas. (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 3).

Já o conceito de *gestalt*, de acordo com Alan Cienki (2007), entra dentro de uma nova abordagem linguística, definida como “experencial”,

pois compreende que a natureza de nossos corpos, o sistema sensório-motor e cognitivo, a memória, as emoções, a estrutura social, entre outras, determinam estruturas de caráter universal da língua. Em outras palavras, entende-se que a atividade motora, o processamento cognitivo, o pensamento, as emoções, a percepção e a língua apresentam o mesmo tipo de estrutura informacional na mente humana. Ou seja, todas operando via associação, nos termos configurantes de *gestalts*. Como dividimos o mesmo aparato biológico, as *gestalts* são tomadas como pressupostos universais. Segundo Lakoff (1987), essas estruturas usadas no processamento cognitivo podem estabelecer relações internas entre as partes de diferentes tipos dentro dela; podem ter relações externas com outras *gestalts*; podem mapear parcialmente uma *gestalt* em outra, ou incorporar uma dentro da outra. Contudo, é preciso distinguir propriedades prototípicas das não prototípicas dentro ou entre as essas estruturas cognitivas. Por fim, instanciações de *gestalts* na linguagem podem envolver propriedades gramaticais, pragmáticas, semânticas e/ou fonológicas. Obrigatoriamente envolve perspectiva. Sendo assim, “a sintaxe de uma linguagem é estruturada por numerosos *gestalts* sobrepostas, cujo conhecimento orienta os falantes em sua produção de linguagem e os destinatários em sua compreensão” (CIENKI, 2007, p. 176).

Posto isto, podemos afirmar que essa noção fundamenta a noção de modelos cognitivos idealizados (MCI), cuja explicação detalhada apareceu, pela primeira vez, em Lakoff (1987), conforme encontramos em Cienki (2007, p. 176):

Os MCIs são propostos como uma maneira pela qual organizamos o conhecimento, não como um reflexo direto de um estado de coisas objetivo no mundo, mas de acordo com certos princípios estruturantes cognitivos. Os modelos são idealizados, à medida em que envolvem uma abstração, por meio de processos perceptuais e conceituais, das complexidades do mundo físico. Ao mesmo tempo, esses processos conferem uma estrutura organizacional - por exemplo, na forma de categorias conceituais[...] Eles fornecem um meio vantajoso de processamento de informações porque eles são adaptados à neurobiologia humana, experiência humana incorporada, ações e objetivos humanos e interação social humana.⁸⁰

⁸⁰ **Tradução nossa:** ICIs are proposed as a way in which we organize knowledge, not as a direct reflection of an objective state of affairs in the world, but according to certain cognitive structuring principles. The models are idealized, in that they involve an abstraction, through perceptual and

Gênero, sexualidade e identidades

Para ilustrar o conceito de MCI, tomemos a categoria conceitual *humano*. Sabemos que, do ponto de vista biológico, é um tipo de animal, mamífero, bípede, enquadrado, taxonomicamente, como *homo sapiens* – ou seja, um tipo de primata que exibe dois sexos, apresenta reprodução sexuada, possui um sistema de comunicação complexo (língua). Por outro lado, relaciona-se a homem: indivíduo dotado de inteligência e linguagem articulada; próprio, característico, desenvolvido por homens; bondoso; sem teor divino; que não provém de Deus: comportamento humano (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS, 2020). Em outras palavras, essa categoria organiza-se em um MCI, funcionando como *background* a cada instanciação de um item lexical que o compõe. Dentro dos MCI, cabem todas as nuances. No MCI de humano cabe tanto a sua perspectiva biológica (animal, mamífero, primata) quanto a mais social (pessoa bondosa em oposição ao que é divino). Além dessas categorias mais “naturais”, o MCI enquadra práticas sociais e políticas. Aqui podemos pensar no MCI que ordena o trabalho dentro de uma sociedade de classes, ou naquele MCI que ordena as funções de homens e mulheres dentro de uma dada comunidade social. A perspectiva, individual e coletiva, é que delinea os sentidos e as avaliações dentro de cada MCI. Nesse contexto, essas estruturas não são estáticas, pelo contrário, os MCIs não só mudam como o tempo, como também acumulam a história de tais mudanças.

2.2 Gênero em duas perspectivas

Ao buscarmos o significado da palavra *gênero* no *Dicionário Online do Português* (2020), encontramos, como primeira informação, uma acepção descrita nos seguintes termos: “conceito generalista que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, classe, seres, coisas têm em comum”. Essa perspectiva atravessa todos os sentidos dessa palavra, já que refere-se: (1) famílias ou raças de seres vivos, i.e., grupo da classificação que, por apresentarem semelhanças entre si, são reunidas em espécies

conceptual processes, from the complexities of the physical world. At the same time, these processes impart organizing structure—for example, in the form of conceptual categories.[...] They provide an advantageous means of processing information because they are adapted to human neurobiology, human embodied experience, human actions and goals, and human social interaction. (CIENKI, 2007, p. 176).

vizinhas: cachorro, lobo e chacal são espécies do gênero *canis*, *sapiens* e *erectus* são espécies do gênero *homo*; (2) diferença social entre homens e mulheres que varia conforme a cultura, tendo em vista o sexo biológico; (3) estilo, tipo, modo de vida; (4) estrutura e características formais da composição da obra literária – gênero lírico, gênero épico, gênero dramático; por fim, (5) categoria gramatical que se baseia na distinção entre masculino, feminino e neutro. Sendo assim, podemos concordar com Silva (2019), quando ela afirma que “gênero é um termo polissêmico”. Neste estudo, trataremos de gênero numa perspectiva gramatical (5) e como categoria social analítica (2).

2.2.1 Gênero gramatical: para além da associação com o sexo

Gênero refere-se às relações morfossintáticas de concordância que envolvem os nomes e seus satélites. Para efeitos de exemplificação, consideremos os sintagmas nominais *os gatos pretos* e *as gatas pretas*, os núcleos *gatos* e *gatas* não só obrigam a concordância de plural, quanto obriga a de gênero. Embora gênero seja uma categoria comum nas línguas humanas, ela não se manifesta da mesma forma. Conforme Silva (2019), nem todos os sistemas linguísticos observam sexo na definição da categoria gramatical de gênero, a exemplo das línguas indo-europeias, dentre as quais destacamos o português. Nas línguas algonquinas, a definição de gênero passa pela oposição dos traços animado e inanimado. Por outro lado, essa categoria nem é observada nas línguas urálicas. Em outras palavras, gênero é uma categoria complexa, mesmo do ponto de vista formal, dado que ela não se manifesta da mesma forma nas línguas do mundo.

Em português, a oposição de gênero, entre as formas masculina e feminina, é estabelecida por meio da flexão do sufixo ou da desinência -a (átono final) para marcar o feminino, pois, semanticamente, o masculino é caracterizado como a forma não-marcada, ao passo que o feminino indica um tipo de especialização: menina é o feminino de menino, mas barca é um tipo de barco e não o seu correspondente feminino (CÂMARA JÚNIOR, 1970). Diante de problemas como esses, Câmara Júnior (1970, p. 87) vai afirmar que “a flexão de gênero é exposta de uma maneira incoerente e confusa nas gramáticas tradicionais”. Nesse contexto, o autor aponta dois problemas: a

Gênero, sexualidade e identidades

incompreensão semântica da natureza do gênero e a distinção entre flexão de gênero e certos processos morfossintáticos para indicar o sexo.

No primeiro caso, temos a associação equivocada entre gênero e o sexo dos seres. Gênero abrange todos os substantivos, quer designem seres animais, providos de sexo (menino/menina, urso/ursa, coelho/coelha, marisqueiro/marisqueira) quer designem apenas coisas (feminino: casa, ponte, mesa / masculino: palácio, pente, sofá). No segundo caso, as gramáticas apresentam mulher como sendo feminino de homem. Na realidade, temos dois termos distintos, em que mulher é uma palavra sempre feminina, ao passo que homem é sempre uma palavra masculina. Algo semelhante ocorre com imperador/imperatriz, galo/galinha, perdiz/perdigão: em todos esses casos temos sufixos derivacionais para estabelecer o gênero. Segundo Câmara Júnior (1970), *-triz*, *-inha* ou *-ão* não podem ser confundidas com flexão de gênero, pois se tratam de sufixos de derivação. Em outras palavras, a flexão de gênero está para os substantivos, assim como as flexões de tempo/modo/gênero estão para os verbos.

Diante disso, podemos afirmar que dentro do plano gramatical, gênero e sexo não correspondem a mesma coisa. Dessa forma, advogamos que a língua não é sexista: sexista é a forma com a qual os sujeitos podem fazer uso dela, mesmo sem ter muita consciência disso. Neste estudo, nos perguntamos o porquê de agentivos denominais femininos apresentarem outros sentidos que não o humano, a exemplo de marisqueira em oposição a marisqueiro?

2.2.2 Gênero: uma categoria analítica em ascensão

Comumente, gênero é associado ao sexo biológico, ou seja, uma mulher é definida como tal porque nasceu com uma vagina, ao passo que um homem é definido assim porque nasceu com um pênis. Contudo, essa associação não cobre a variedade de identidades de gênero reconhecidos atualmente, tais como *cisgênero*, *transgênero* e *não-binário*. Entretanto, a associação entre sexo e gênero tem produzido, historicamente, relações de poder, nas quais o gênero masculino tem privilégios sociais em relação ao feminino, dada as diferenças não só biológicas, como subjetivas, delimitadas socialmente: frágil/forte pacífica/violento, emocional/racional, submissão/autoridade, etc.

Joan Scott (1995), a partir da conexão entre duas proposições, define gênero como: (1) um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesse contexto, as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre a mudanças nas representações de poder, mas a mudança não é unidirecional (p.86), envolve sistemas simbólicos que estruturam, implícita ou explicitamente, as instituições que organizam a sociedade: família, igreja, escola, mídia, organizações políticas e jurídicas e, finalmente, os sistemas linguísticos.

No caso dos sistemas linguísticos, basta lembrar que é por meio das palavras que acessamos o mundo material e imaterial. Por meio da língua, acessamos aspectos objetivos das pessoas e das comunidades, tais como traços físicos, econômicos, educacionais; como também acessamos aspectos mais subjetivos a exemplo de crenças, religião, sistema de organização social. Em outras palavras, o que não se nomeia, embora possa existir, passa ao terreno do invisível, quando não é nomeado (GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 2014). Nesse contexto, em uma sociedade ordenada sob a égide da diferença de gêneros, muitas tarefas e atividades realizadas pelas mulheres são invisibilizadas por não serem nomeadas. Um exemplo disso é clássico trabalho doméstico que não era visto como uma forma de trabalho. Além da falta de palavras para nomear as atividades realizadas pelas mulheres, há aquelas que nomeiam não só essas agentes, mas também outros domínios, nem sempre marcados pelo traço humano – e o caso do termo *marisqueira*.

3. Orientação metodológica

Para proceder à reflexão acerca dos sentidos da palavra *marisqueira* em oposição ao seu correspondente masculino – *marisqueiro*, este estudo correlaciona pressupostos metodológicos da Linguística *de Corpus* (SARDINHA, 2004), da Sociolinguística (TARALLO, 1960) já que estas permitem não só o estudo qualitativo, mas também quantitativo do fenômeno em foco. Como o *corpus* é de fala espontânea, ou seja, aquela que é executada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983), este estudo se orienta pelos princípios da *Language into Act Theory* (LAcT - CRESTI,

Gênero, sexualidade e identidades

2000; RASO, 2012). Dado os limites deste artigo, a seguir, apresentamos o *corpus* e as etapas de pesquisa.

Na Tabela 1, temos a caracterização de um *corpus* de amostragem, compilado para fins de pesquisa. Este é constituído por uma porção de língua falada, de tamanho finito e circunscrito ao ano de 2019. Quanto ao conteúdo, é de natureza dialetal, pois busca captar fenômenos da diastratia, i.e., mostrar traços de identidade dos falantes e de sua comunidade de fala, enviesados por fatores pessoais como sexo/gênero, faixa etária, escolaridade e nível socioeconômico.

Tabela 1: Critérios de compilação do *corpus*

Critérios definidores do Corpus de Trabalho		
Modo	Falado	porções de fala transcritas
Tempo	Contemporâneo	período de tempo corrente
Seleção	De amostragem [<i>sample corpus</i>]	composto por porções de textos ou de variedades textuais, planejado para ser uma amostra finita da linguagem como um todo
Conteúdo	Regional ou dialetal	textos provenientes de uma ou mais variedades sociolinguísticas específicas
Finalidade	De estudo	o <i>corpus</i> que se pretende descrever

Fonte: Rodrigues, 2020

Para manusear os dados do *corpus*, selecionamos o *AntConc* (ANTHONY, 2020) como ferramenta. Esse concordanciador pode ser rodado em programas como *Windows*, *Mac* e *Linux* e o seu *download* é gratuito. O *AntConc* apresenta diversas funções como: *word list*, *concordance*, *concordance plot*, *file view*, *collocates* e *keyword list*. Para compilar o *corpus*, cumprimos as seguintes etapas: (1) seleção do objeto de estudo (comunidade linguística, grupo social, informante) e seleção do referencial teórico da pesquisa; (2) entrevista com o informante selecionado para captação dos dados; (3) transcrição dos dados oriundos da entrevista. Como se trata de dados de fala espontânea, a transcrição obedece ao critério semiortográfico estabelecido pela LAcT (CRESTI, 2000; RASO, 2012); (4) compilação do *corpus*; (5) tratamento do *corpus* via concordanciador; e (6) produção de relatório dos resultados.

4 Análise de dados

Biderman (2001) afirma que o léxico, assim como outros níveis que estruturam as línguas humanas, também reflete diferenças sociais dentro das diversas comunidades de fala. Em outras palavras, diferenças sociais, tais como valores de classe e de gênero, são explicitadas via palavras na fala espontânea dos sujeitos das comunidades. É nesta correlação entre trabalho e gênero, via manifestação linguística, que se encontra este estudo. Particularmente, nos sentidos evocados pelo termo *marisqueira*, enquanto agente da ação de catar ou vender mariscos. Para realizar essa reflexão, cumprimos o seguinte percurso: descrevemos o termo *marisqueira* em termos morfológicos e semânticos, em seguida apresentamos o desenho do modelo cognitivo de idealizado de trabalho, bem como o subdomínio de pesca.

4.1 Marisqueira: descrição morfológica e semântica do termo

A palavra *marisqueira* é resultado de um processo de derivação morfológica, que consiste na junção de um *afixo* (sufixo ou prefixo) a uma *base*. Esse tipo de processo ocorre em palavras como *jornalista* (*jornal* + *ista*), *jornaleiro* (*livro* + *eiro*), *lavável* (*lava* + *vel*), *contemplação* (*contempla* + *ção*), *reler* (*re* + *ler*) e *predispor* (*pré* + *dispor*). Em todas essas ocorrências, a estruturação dá-se com a presença de uma base + afixo, que ora ocorre como base + sufixo (como em *retratista*) ora como prefixo + base (como em *reler*).

Nos processos de derivação, a base pode ser composta por uma forma livre (possui autonomia sintática: *jornal* + *ista*) ou uma forma presa (não possui autonomia sintática: *pré* + *dispor*). Já os afixos possuem funções sintático-semânticas definidas, delimitando usos e os significados das palavras. Contudo, os afixos disponíveis em uma língua apresentam graus de generalidade e produtividade distintos. Por exemplo: no caso da nominalização⁸¹ de verbos em português, a produtividade é quase absoluta – *Maria tagarelou* > *A tagarelíce de Maria* (BASÍLIO, 1987, p. 29). Por outro lado, a formação de agentivos denominais possui uma produtividade parcial, já que a palavra a ser criada pode ser constituída a partir da junção com os

⁸¹ Consiste em transformar uma oração em sintagma nominal para sua inserção numa frase matriz.

Gênero, sexualidade e identidades

sufixos (x-o, x-ista, x-eiro), unidades do sistema linguístico, atravessadas por fatores contextuais que influenciam a escolha do falante (CARMO, 2005). A palavra marisqueira enquadra-se nesta última perspectiva. Diante disso, podemos descrevê-la como uma palavra formada por uma base livre (marisco) e o sufixo (-eira) - flexão do gênero feminino em oposição ao seu correspondente (-eiro) (CÂMARA JÚNIOR, 1970). A descrição desse processo pode ser conferida abaixo:

[[marisco] N – eira] N/Adj]	
base livre marisco: Sm.Zool.1. Qualquer dos invertebrados marinhos, ger. Crustáceos e moluscos, que servem de alimento ao homem. 2,Mexilhão. (FERREIRA, 2000, p.448)	Sufixo -eiró dos suf. lat. -ar <i>ĩ</i> us,a,um formador de adjetivos, e de seus der. -ar <i>ĩ</i> us, <i>ĩ</i> i 'o que produz ou cuida de', -ar <i>ĩ</i> a,ae e -ar <i>ĩ</i> um, <i>ĩ</i> i 'local', formadores de subst.; em port., forma adj. e/ou subst. com diversos matizes semânticos: profissão, atividade: <i>fazendeiro, porteiro, relojoeiro</i> ; caráter, temperamento: <i>aventureiro, encrenqueiro</i> . (Busca na ferramenta Google)
ma-ris-co: 1 ZOOLOG Denominação comum aos invertebrados marinhos alimentícios. 2 ZOOLOG Molusco bivalve (<i>Anomalocardia brasiliana</i>), da família dos venerídeos, muito comum na região litorânea brasileira, de superfície externa lisa, coloração amarelo-clara, com manchas ou pintas de formatos distintos, caracterizado por viver enterrado na areia ou no lodo. 3 ZOOLOG Vescama-vírgula. 4 REG (RJ), ZOOLOG Mexilhão1, acepção 2. 5 COLOQUIO Homem que ama a vida do mar, por profissão ou não. 6 ZOOLOG Verbigação, acepção 1. ETIMOLOGIA <i>der</i> de marati+isco. (MICHAELIS, 2020)	-eiro 1.Substantivos que formam outros substantivos: a) ocupação, ofício, profissão: barbeiro, copeira b) lugar onde se guarda algo: galinheiro, tinteiro c) árvore ou arbusto: laranjeira, craveiro d) idéia de intensidade, aumento: neveeiro, poeira e) objeto de uso: permeira, pulseira f) noção coletiva: berreiro, formigueiro. 2. Formam também adjetivos de substantivos: -eiro: relação, posse, origem = caseiro, mineiro (CUNHA, 1070)

Quanto ao significado de marisqueira, se fizermos uma busca simples na ferramenta de busca do Google, encontramos os seguintes sentidos para marisqueira: “vendedora de frutos do mar” e “restaurante de frutos do mar”. Tais como podemos ver na Figura 1:

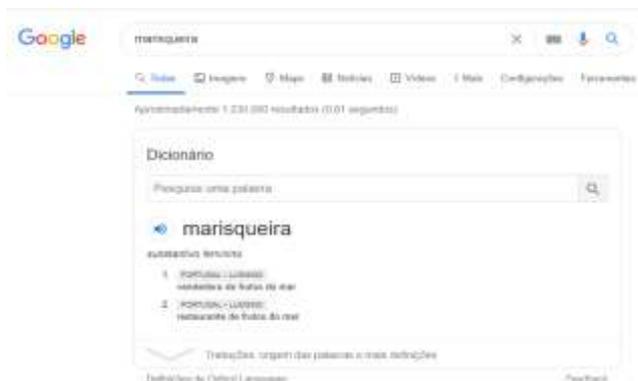


Figura 1: Dicionário online do Google

Porém, se fizermos uma busca nos dicionários *online*, encontraremos marisqueira com o sentido de “vendedora de marisco” no *Infopédia* (2020) e *Wikcionário* (2020). Nesse último, ainda há o sentido de profissão, i.e., “pessoa que pega marisco”. Todavia, tanto nos dicionários acima mencionados, quanto nos dicionários online *Michaelis* (2020) e *Dicionário Online de Português* (2020), o significado de marisqueira refere-se a: (1) local onde se vendem mariscos; (2) restaurante onde se servem mariscos; e (3) peixe marítimo cujo nome científico é *Micropogon furnnieri* – também conhecido como corvina ou anchova. Diante disso, podemos afirmar que o termo marisqueira está ligado a outros sentidos originalmente. Só, posteriormente, é que o termo ganhou o sentido que marca o feminino como agente. Assim, marisqueira pode ser definida como um *neologismo* que, possivelmente, foi importado do português europeu para o português do Brasil. Tanto que se formos a um dicionário como o *Mini-Aurélio Século XXI* (FERREIRA, 2000), não encontraremos esse termo como entrada no dicionário, mas outras palavras cuja base é marisco: mariscada (prato feito de frutos do mar), mariscar (colher ou apanhar mariscos, catar ou ciscar incestos pelo chão). Em outras palavras, não encontramos o substantivo que corresponde ao agente da ação designada pelos verbo mariscar. Contudo, marisqueira aparece como entrada no *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2010), cujos sentidos envolvem: (1º) vendedora de frutos do mar; (2º) restaurante de frutos do mar; e (3º) corvina. Todavia, se

Gênero, sexualidade e identidades

fizemos uma busca por imagens de marisqueira na mesma ferramenta, encontramos as seguintes imagens, expostas na Figura 2:

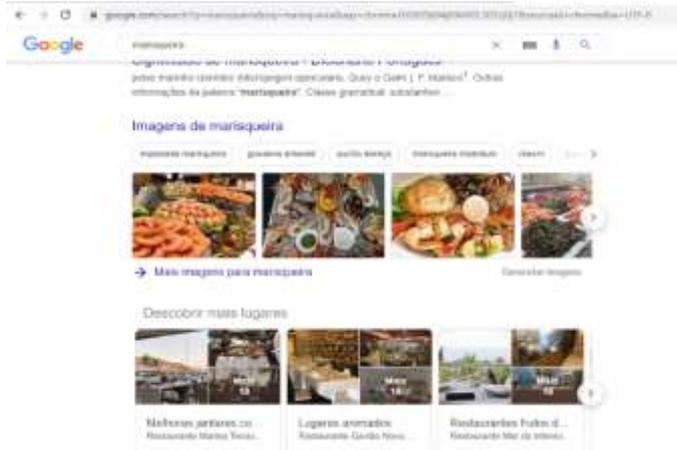


Figura 2: Imagens de marisqueira na busca do Google traço [- humano]

Na primeira imagem, vemos mariscos cozidos ou crus, fugindo da primeira acepção apresentada nos dicionários citados. Apenas posteriormente, quando avançamos no buscador de imagens do Google, é que encontramos, misturadas às imagens de mariscos e estabelecimentos, imagens humanas de marisqueira. Contudo, há um dado interessante: a primeira imagem referente ao termo que aparece é de uma personagem da novela da Globo, *Segundo Sol* (Direção de João Emanuel Carneiro, 2018), chamada Luiza, interpretada pela atriz Giovanna Antonelli. Só em seguida, é que encontramos as mãos de uma mulher catando mariscos, conforme Figura 3:



Figura 3: Imagens de marisqueira no buscador Google traço [+ humano]

Nesse contexto, podemos constatar que nem sempre a forma feminina das palavras corresponde ao feminino das formas masculinas. Pelo menos, não exclusivamente. Aqui, destacamos o item lexical *marisqueira*, cuja formação parte da junção entre uma base [*marisco*] com um sufixo denominal [*-eiro/a*]. Contudo, *marisqueira* significa, além do agente feminino da pesca de mariscos, [local](#) onde mariscos são vendidos, restaurantes onde mariscos são servidos e nome de uma espécie de [peixe](#) de água salgada.

Esses dados convergem com a constatação de Botelho (2014), em sua pesquisa sobre as construções agentivas em *x-eiro*. Conforme a autora, os agentivos humanos têm seu correspondente feminino da forma masculina, na maioria das ocorrências, a exemplo de *faxineiro/faxineira*, *enfermeiro/enfermeira*, *blogueiro/blogueira*. Contudo, Botelho destaca que nem sempre o termo feminino corresponde ao masculino. Tal como podemos observar no quadro abaixo adaptado de Botelho (2014):

Tabela 2: Critérios de compilação do *corpus*

Humano	Objeto	Humano	Locativo
carteiro	carteira	bolseiro	bolseira
churrasqueiro	churrasqueira	baieiro	baieira
jardineiro	jardineira	camasero	camaseira
leiteiro	leiteira	calceiro	calceira
lixeiro	lixeria	cimenteiro	cimenteira
pipoqueiro	pipoqueira	cervejeiro	cervejeira
porteiro	porteira	empreiteiro	empreiteira
queijeiro	queijeira	madereiro	madeiraira
sanducheiro	sanduscheira	pedreiro	pedreira
sorveteiro	sorveteira	sucateiro	sucateira
		sapateiro	sapateira
		sorveteiro	sorveteira

Fonte: Botelho (2014, p.107-108)

Como podemos ver, o correspondente feminino da forma masculina pode realmente tomar uma outra direção: a forma feminina é o “objeto” (*jardineira*, *leiteira*, *sorveteira*) ou “locativo” (*cervejeira*, *empreiteira*, *pedreira*), enquanto a forma masculina é sempre “agente humano” (*jardineiro*, *leiteiro*, *sorveteiro*, *cervejeiro*, *empreiteiro*, *pedreiro*). Diante desses dados, Botelho (2014, p. 108) apresenta a seguinte consideração, com a qual coadunamos:

Gênero, sexualidade e identidades

A primeira conjectura vai em direção ao nosso modelo cultural, fortemente, marcado pela suposição de uma superioridade masculina. Não seria estranho, portanto, nesse modelo, associarmos ao gênero gramatical feminino os traços [- humano] e [+ objeto] justificando assim, a escolha do feminino para as construções de objetos-agentes. De fato, os únicos exemplos de objeto e locativo que encontramos no masculino foram chaveiro e bagageiro que são formas homônimas, designando o agente humano e objeto. A segunda conjectura, dentro do mesmo modelo cultural, diz respeito à origem mais remota desses ofícios no universo masculino. Primeiro surgiram os lixeiros, pipoqueiros, sanduicheiros; estes postos, só mais recentemente, foram ocupados por mulheres. (BOTELHO, 2014, p. 108)

Acreditamos que o caso de marisqueira se enquadre no mesmo contexto das formas apresentadas por Botelho (2014). Contudo, acrescentamos um outro dado: diferente de outras atividades, catar mariscos é uma atividade exercida majoritariamente por mulheres.

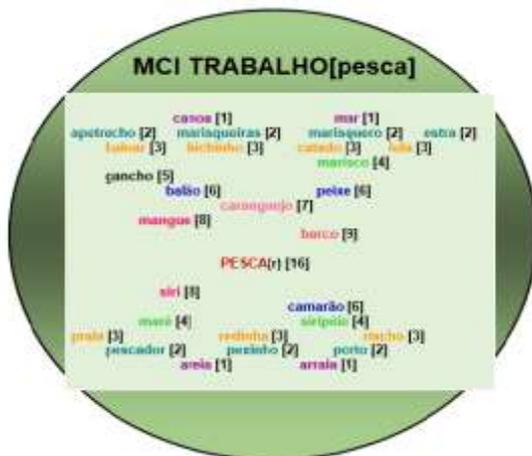
4.2 MCI TRABALHO[Pesca]: o lugar da marisqueira

Como vimos na seção 2.1, os modelos cognitivos idealizados (MCI) são domínios cognitivos estruturados mentalmente, responsáveis por armazenar aspectos que configuram nossas experiências no mundo. Embora estáveis, não são estruturas rígidas, por isso são passíveis de serem modificados conforme as adaptações e mudanças do próprio contexto das nossas experiências, arquivados em nossa memória individual e coletiva (CHIAVEGATTO, 2009). Sendo assim, quando usamos uma palavra, não evocamos apenas o seu significado, mas também o MCI que a sustenta, ou seja, seu contexto de fundo. Nessa perspectiva, podemos afirmar que, para cada experiência humana, há um MCI correspondente, cuja adaptação ocorre conforme as novas necessidades que emergem do cotidiano dos sujeitos, atravessado por fatos sociais e históricos. No caso de marisqueira, podemos reconhecer os MCIs de: RESTAURANTE (onde se serve mariscos), FEIRA (onde se [vende mariscos](#)), PEIXE (corvina ou anchova) e TRABALHO (vendedora de mariscos ou pessoa que pega mariscos).

Nesta pesquisa, destacamos o MCI DE TRABALHO, já que este funciona como o contexto cognitivo que exerce pressão sobre o termo marisqueira. Contudo, precisamos considerar que cada atividade possui a sua

especialidade. Assim, podemos afirmar que o MCI TRABALHO funciona como uma grande categoria, na qual encaixa-se todas as atividades humanas que se relacionam com os traços de produção, sobrevivência e remuneração dos sujeitos (CARMO, 2020)⁸². Nesse contexto, a autora descreve, a partir das palavras de um *corpus* de estudo, o MCI TRABALHO[Pesca], dentro da categoria macro MCI TRABALHO, o qual pode ser observado a seguir:

Figura 4: Modelo Cognitivo Idealizado Trabalho [Pesca]



Fonte: Carmo (2020)

Na Figura 4, temos a representação do MCI TRABALHO[Pesca], no qual encontramos: (a) instrumentos usados para a execução da atividade: barco (9), balão (6) gancho (5), siripóia (4), redinha (3), apetrecho (2), canoa (1); (b) espaço da realização da atividade: mangue (8), riacho (3), praia (3), maré (4), mar (1), areia (1); (c) produto resultante da atividade: siri (8), caranguejo (7), camarão (6), peixe (6), peixinho (2), bichinho (3), lula (3), ostra (2), arraia (1); agente da atividade: pescador (2), marisqueiras (2),

⁸² Artigo no prelo.

Gênero, sexualidade e identidades

marisqueiro (2). (CARMO, 2020). Todavia, vivemos em uma sociedade estratificada, estruturada por dois pressupostos fundamentais que atingem a atividade da marisqueira: *classe social e gênero*.

A noção de classe social é fundamental para explicar as relações de opressão econômica e de exploração dos sujeitos. Conforme, a perspectiva marxista, as relações de classe envolvem a distribuição desigual de direitos e poderes sobre os recursos produtivos básicos da sociedade e os resultados de seu uso (SANTOS, 2008, p.354). Em outras palavras, dentro da estrutura de classe, nem todos os sujeitos têm acesso às mesmas oportunidades, tanto na esfera do trabalho quanto na do consumo. Tais diferenças são decodificadas via sistema linguístico. Nesse contexto, o conceito de classe também estrutura a pirâmide denominal dos agentivos do português brasileiro (MIRANDA, 1979), ou seja, estrutura o processo de formação das palavras que nomeiam as atividades, o trabalho.

De acordo com Carmo (2005), o MCI TRABALHO, enquanto macro categoria que serve de insumo a todas as atividades produtivas, envolve um conjunto de atividades nas quais se aplicam forças e faculdades humanas para alcançar um determinado fim, sendo assim envolve coordenação de caráter físico e/ou intelectual para a realização de qualquer tarefa, serviço ou empreendimento, cujo resultado é a remuneração ou o salário (FERREIRA, 2000). Dessa forma, envolve atividades braçais e intelectuais. Contudo, essa diferença na forma de executar o trabalho também passa pela avaliação social e por processos educacionais. Assim, quanto mais braçal menos valorizado é o trabalho, quanto mais intelectual mais valorizado é o trabalho. Em outros termos, o MCI TRABALHO é estruturado como níveis de uma pirâmide. Nas palavras de Carmo (2005, p.111):

Assim, da base da pirâmide até o topo, temos a classe social **baixa**, desprovida de bens não só materiais como simbólicos, e as classes, gradativamente mais providas desses bens (classes **média** e **alta**). Tal hierarquia se projeta, associativamente, no MCI Trabalho nos termos seguintes: na base (em baixo) temos as profissões do “fazer”, envolvidas com a força física, menos prestigiadas. Verticalmente e, gradativamente, temos as profissões especializadas, intelectualizadas, e cada vez mais relacionadas com o “saber”, com *status* superior.

Posto isso, e partindo do princípio de que as línguas refletem diferenças sociais, podemos afirmar que os falantes ao criarem novos itens

lexicais para nomear agentes dos diversos postos de trabalho ou profissões, obedecem mesmo que inconscientemente a seguinte estrutura piramidal: (1º) no topo da pirâmide [x-o] – define atividades altamente especializadas, normalmente restritas a ambientes acadêmicos e de pesquisa (*filósofo, sociólogo, paleontólogo*); (2º) nos níveis intermediários da pirâmide [x-ista] – define atividades que indicam alguma especialidade, seja intelectual, tecnológica ou artística, atividades que se encontram distribuídas em vários setores sociais, desde a academia até setores públicos e privados (jornalista, eletricitista, linguista); e (3º) na base da pirâmide [x-eiro] – define as atividades que não requerem especialização intelectual, normalmente braçais, que alcançam os setores sociais menos prestigiados (faxineiro, lixeiro, jornaleiro) (CARMO, 2005)⁸³.

A noção de gênero também é atravessada por essa divisão, na qual oportunidades de trabalho e de consumo são distribuídas de forma desigual entre homens e mulheres. Nessa estrutura, a categoria homens possuem mais poder social do que a categoria mulheres (SCOTT, 1995; SANTOS, 2008). Isso se reflete nos tipos de trabalho, salário e prestígio destinado a homens e mulheres, dada as diferenças físicas e subjetivas. Isso se expressa no MCI TRABALHO[*Pesca*].

Diferente de outras atividades, “catar mariscos” é uma atividade exercida majoritariamente por mulheres. Contudo, homens eventualmente podem realizá-la. Isso fica evidente no excerto abaixo, extraído do *corpus*:

Excerto 1

CAR: [98] // o dona Maria / deixa eu te perguntar uma coisa / aqui em Ponta de Areia e / qual a [2] maior / a principal arte de pesca? E [2] o marisco / os pescadores vao pra alto mar //

MAR: [99] // menina aqui tem muito pescador ne / agora *marisqueiro* tem mais pouco porque eles gosta mais de pescar / *marisqueiro* tem pouco [2] mesmo //

MAR: [100] // mas pa pescar tem muito / tem vez que quando o barco ta parado essa ponte aqui fica cheia / e agora fizeram outra la / a ota tambem fica cheia / tem mais pa pescar mesmo //

MAR: [101] // agora eles vao / quando tao parado / quando nao tem lugar pa pescar / eles vao po marisco / pegar o siri / siri assu / aqueles grandao / vai pegar o

⁸³ Consultar Miranda (1079), para uma visão mais geral sobre os agentivos em português. Sobre a formação dos agentivos denominais em x-ista e x-eiro, consultar respectivamente as dissertações de Carmo (2005) e Botelho (2004).

Gênero, sexualidade e identidades

caranguejo / agora / eles ja nao pega de gancho / de primeira era de gancho ne / ce lembra? Sabe o que e gancho / aquela de ferro com a negoça pa pegar / agora nao / agora e redinha / eles compra saco pa fazer redinha / so chega la / eles chega la / vao la a tarde / bota na porta do buraco do caranguejo / no outro dia vai la tirar tudinho que ta tudo lacado naquela redinha / e mole // [hhh]

No Excerto I, podemos contatar que no campo da pesca, catar marisco é uma espécie de segunda opção para os homens [*quando tao parado / quando nao tem lugar pa pescar / eles vao po marisco* /]. Ou seja, quando estes não encontram espaço nos barcos, seja por motivos econômicos ou porque a pesca encontra-se na baixa temporada. A hipótese para essa divisão de trabalho da pesca envolve, teoricamente, força e risco. Ou seja, pescar peixes é uma atividade mais arriscada que catar mariscos, assim como esta última atividade exige menos força física. Portanto, a pesca está para os homens, assim como catar mariscos está para as mulheres. Contudo, se considerarmos a distância em que essas atividades são executadas, podemos pensar que a atividade de catar mariscos está mais próxima das casas das famílias do que a atividade de pesca, a qual exige maior distanciamento quando consideramos a pesca em alto-mar.

Nesse contexto, vemos um esquema mais básico de organização do MCI TRABALHO[Pesca]: mulheres são coletoras e homens são caçadores. Diante disso, podemos pensar que o trabalho das mulheres, que na perspectiva das relações de gênero exigem menos força e menos riscos, é invisibilizado e subvalorizado diante do trabalho masculino, mesmo que este seja socialmente desprestigiado. No caso de marisqueira, essa invisibilidade vem com a polissemia da palavra, já que além de se referir a mulher que cata ou vende mariscos, também se refere à restaurante (local) e a um peixe chamado corvina (animal), assim só dentro do contexto é possível selecionar o seu sentido. O que evidentemente não acontece com o seu par masculino – marisqueiro. O mais interessante é que catar ou vender mariscos nem é uma atividade, majoritariamente, masculina. Além disso, se os homens preferem pescar a catar mariscos, isso quer dizer que, financeiramente e socialmente, pescar é mais vantajoso. Sendo assim, essa atividade, majoritariamente, feminina é subvalorizada.

5 Considerações finais

Diante dos resultados, acreditamos que respondemos a proposta inicial deste estudo, qual seja: apresentar uma reflexão acerca dos sentidos da palavra *marisqueira* em oposição ao seu correspondente masculino – *marisqueiro*. Os resultados demonstram que tanto o conceito de classe quanto o de gênero influenciam a formação da palavra *marisqueira*, nos termos da assimetria que ambos os conceitos engendram: no caso da classe, *marisqueira* é uma atividade que ocupa a base da pirâmide, portanto é uma atividade desprestigiada socialmente, a qual é exercida, normalmente, por pessoas da *classe baixa*, desprovida de bens não só materiais como simbólicos, por isso *marisqueira* é formada a partir do sufixo (-eiro/a); no caso do gênero, *marisqueira* é uma palavra que além de se referir a um agente humano, também nomeia um tipo de restaurante (local) e de peixe – fato que não ocorre com *marisqueiro*, seu oposto de gênero, cujo sentido é sempre humano. Assim, este estudo corrobora o pressuposto deste estudo de que, diferenças estruturadas socialmente, tais como classe e gênero, são explicitadas via sistema linguístico. Contudo, relações sustentadas por assimetrias, mais cedo ou mais tarde, geram conflitos: na sociedade e na língua. Nessas arenas, lutamos pelo uso não sexista da linguagem.

REFERÊNCIAS

- ANTHONY, L. *Lawrence Anthony Website* (AntConc), 2020. Disponível em: <<http://www.laurenceanthony.net>> Acesso em 15. out. 2020.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BOTELHO, Laura Silveira. As construções agentivas em x-eiro: uma abordagem sociocognitiva. *Dissertação* (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CÂMARA JÚNIOR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.

Gênero, sexualidade e identidades

- CARMO, C. B. S. A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: Uma abordagem sociocognitiva. *Dissertação* (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005.
- CIENKI, A. Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: OUP, 2007. p. 170-187.
- CHIAVEGATTO, V.C. Introdução à linguística cognitiva. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.16, n.24, jan./jun. 2009. (pdf)
- CRESTI, E. *Corpus di Italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Marisqueira*. 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/marisqueira/>> Acesso em 15. out. 2020
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Humano*. 2020. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/humano/>> Acesso em 15. out. 2020
- DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS. *Gênero*. 2020. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/genero/>> Acesso em 15. out. 2020
- FERREIRA, A. B. H. *Mini-Aurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. 4º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.
- FERREIRA, A. B. H. *Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. 5º Ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of Cognitive Linguistics*. New York: OUP, 2007.
- GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Manual para o uso não sexista da linguagem: o que bem se diz bem e entende. Rio Grande do Sul: Secretaria de Comunicação e Inclusão Digital, 2014. [pdf]
- INFOPÉDIA.DICIONÁRIO PORTO EDITORA. *Marisqueira*. 2020. Disponível em: [Dicionário Porto Editora]<<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/marisqueira>>. Acesso em 15. out. 2020
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: What categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press. 1987.
- LAROCA, M. N, de C. *Manual de morfologia do português*. 3ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF. 2011[1994].

- MICHAELIS. DICIONÁRIO BRASILEIRO DE LÍNGUA PORTUGUESA. *Marisco*. 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marisco/>>. Acesso em 15. out. 2020
- MIRANDA, N. S. *Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical*. *Dissertação* (Mestrado em Linguística) Rio de Janeiro: UFRJ, 1980.
- RASO, T.; MELLO, H. (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- RODRIGUES, E.M. *CORPUS DE TRABALHO: Um Estudo da Criação Lexical na Fala Espontânea de uma Marisqueira de Ponta de Areia/BA. Trabalho de Conclusão de Curso* (Graduação em Letras). Universidade do Estado da Bahia, 2020.
- SANTOS, J.A.F. Classe Social e Desigualdade de Gênero no Brasil. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 2, 2008, pp. 353 a 402.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.
- SILVA, R. S. Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos na língua espanhola: uma análise de vídeos do youtube. *Dissertação* (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. 2º ed. São Paulo: Ática, 1986.
- WIKCIONÁRIO. Marisqueira. 2020. Disponível em: <<https://pt.wiktionary.org/wiki/marisqueira>> Acesso em 15. out. 2020